

Esgrima intelectual durante seminário

Franco e Barros de Castro trocam farpas sobre política de câmbio

• SÃO PAULO. O diretor da área internacional do Banco Central, Gustavo Franco, que andava longe dos holofotes, voltou ontem à cena. Para defender a política de câmbio do qual foi um dos principais idealizadores, Franco foi fundo no uso de teses acadêmicas. Ele fez lembrar os *chicago boys* — economistas da Universidade de Chicago, centro do liberalismo econômico mundial — que implantaram o plano de estabilização do Chile, considerado uma espécie de tigre latino. No seminário “O futuro da política cambial no Brasil”, ontem em São Paulo, Franco deixou a platéia de empresários e executivos desorientada.

Em vez de ouvirem lições pragmáticas de como comandar suas empresas num ambiente aberto à competição, pagaram R\$ 500 para presenciar a discussão acadêmica entre Franco e Antônio Barros de Castro, ex-presidente do BNDES e professor titular da UFRJ — que o próprio Franco ba-

tizou de esgrima intelectual. Por detrás das citações de economistas como David Ricardo e Schumpeter, a divergência se resumia a Castro defender políticas graduais, com proteção a determinados setores, enquanto Franco se colocava a favor de um Estado menor e um processo rápido de abertura direcionado pelo mercado.

Um dos fatores a favor do fortalecimento do real é que os preços dos produtos não sujeitos à competição externa sobem mais do que os com comportamento regido pelo mercado global. Mas, para Castro, esta política tem como pressuposto que o mercado brasileiro é perfeito. Os empresários teriam flexibilidade para se adaptar à nova realidade. Só que Castro afirma que eles estão perplexos, sem saber se irão para o escritório no dia seguinte. Franco acha que só com uma destruição criadora (termo usado por Schumpeter) é que o país irá para a frente.